

# Martim Brion

## Escultura a cores

«A escala é um desafio, a cor uma resposta de quem observa sempre o mundo a cores. *Pontos de Fuga*, de Martim Brion, uma exposição que ocupa o átrio do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MNHNC), não é apenas uma questão de perspetiva, mas de um olhar sobre a escultura e o espaço arquitetónico.

Foi mesmo a “dimensão do espaço em si” que desde logo estimulou o artista. “Fazer algo, com toda a liberdade, para um local que não é um *white cube* ou o espaço tradicional de mostra de arte, o que constituiu uma novidade para mim”, adianta ao JL. “Este local expositivo levou-me a pensar mais na arquitetura e como a escultura de grande (neste caso de maior) dimensão se inclui já em parte nesse campo. E quando se dimensiona em grande escala tem que haver já um sentido mais prático, em termos estruturais, de relação com o público e com o espaço”.

O átrio do MNHNC é amplo e atinge uma respeitável altura de vários andares, na parte central, e

nessa medida, Martim Brion criou a sua obra *site-specific*, *Rubicon*, desenvolvendo-a como uma “maquete mas em grande escala”. “Não a pensei como uma escultura em grandes dimensões, embora tenha uma dimensão já bastante significativa dentro da minha prática, mas sim como um estudo para algo que nunca será”, explica.

É uma “arquitetura generosa e impactante, e ao mesmo tempo clara e funcional”, que Martim Brion reflete “ponderadamente” no seu trabalho, segundo a crítica Kristina von Bülow. “*Rubicon* é uma inversão do espaço vazio, criada ao refletir as limitações espaciais ao seu redor e canalizando estas para a sua forma. Três blocos de paralelepípedos, de formas e tamanhos variados, como o espaço onde se encontram, os dois blocos menores empilhados, situados no átrio comunicando uns com os outros, assim como com o espaço e com os visitantes do museu”, escreve a propósito. “A sua consonância harmónica de cor é um diálogo de



**Pontos de Fuga** De Martim Brion, no átrio do Museu Nacional de História Natural e de Ciência

tons muito distintos, as suas formas são uma resposta materializada ao espaço, e a sua constelação interage com as pessoas que entram no átrio e se movimentam entre os blocos”.

A cor é, aliás, um elemento surpreendente. A obra evoca, ainda de acordo com von Bülow, o “conceito de abstração pós-pictórica”, pelo que as “características formais da pintura – cores, formas, linhas e suas relações – são realizadas tridimensionalmente na escultura”.

Em *Rubicon* e em toda a obra do artista, a cor é fulcral. “Está sempre presente na minha observação do

que me rodeia”, sublinha. “E para mim esse interesse é acentuado, não só na cor em si enquanto pigmento mas na forma como ela se relaciona com o objeto no qual é aplicada e/ou realçada, no caso da fotografia, e como muda a nossa perceção desse objeto”.

Interessa-lhe, portanto, a “relação da cor com o seu suporte e o observador”. “A cor como desafio, a cor construída, a cor esculpida”, escreve Sofia Marçal, responsável pelas artes plásticas no MNHNC, num texto da exposição. “Pensar a cor não só em termos de pura espacialidade

mas de perceção, para se chegar à composição, à síntese, à obra”. E salienta: “Martim Brion está a realizar um percurso artístico que demonstra uma sensibilidade e simplicidade cativante que se traduzem cada vez mais numa capacidade inovadora no olhar a escultura. Neste trabalho de cor, de luz, de matéria, de construção, realça-se a sua originalidade de questionar a imagem, a ideia, o objeto. No limite esta obra *Rubicon* coloca o espectador como continuador do próprio objeto artístico, fazendo com que a escultura se aproxime de nós e nós dela”.

É também “algo de novo” para o artista, ainda com uma “curta” carreira. “Conto ainda vir a ter muitas possibilidades de novidades”, diz. “A dimensão e a relação com o espaço levou-me a refletir sobre assuntos diferentes daqueles em que até aqui me tinha focado”. Por outras palavras: “Foi colocado um novo problema, e para ser resolvido, tive a necessidade de adquirir conhecimentos noutras áreas anteriormente por desenvolver”.

Nascido em Lisboa, em 1986, e atualmente a viver na Alemanha, Martim Brion formou-se em Relações Internacionais e Ciência Política, trabalhou e viveu em diferentes domínios e países, tendo-se aproximado progressiva e decisivamente do universo da criação artística e começado a expor já nesta

década. Um percurso que não será de estranhar, já que é filho de dois dos grandes nomes da arte portuguesa contemporânea, o escultor Rui Sanches e a pintora Sofia areal, e como se sabe, filho de peixe... No seu trabalho, tem procurado essencialmente refletir “sobre assuntos da arte”, como a cor, a forma e a perspetiva. “Tem-me interessado em particular a reflexão sobre a minha realidade interna e externa e como juntar estas partes de maneira a chegar a um objeto de interesse em termos teóricos, e estéticos, no sentido cromático, de relação com o espaço e o observador”. Mas tem por certos novos desafios e desdobramentos: “Não posso dizer que o que procuro não irá evoluir com o tempo, pois sempre que umas questões são resolvidas de uma maneira satisfatória, terão que ser levantadas novas, que me vão levar a mudanças de interesses e do que procuro”.

*Pontos de Fuga* fica patente até 13 de maio. E ao realizar exposições de arte contemporânea nos seus espaços, à partida mais vocacionados para mostras ligadas à Ciência, o MNHNC proporciona, conforme faz notar Sofia Marçal, “a convivência de várias sensibilidades, promovendo a interação da arte com a ciência e da partilha de conhecimento necessário ao tempo contemporâneo”. **JL. MARIA LEONOR NUNES**